

Palestra do Guia Pathwork® n° 086
Palestra não editada
26 de maio de 1961

AUTOPRESERVAÇÃO E PROCRIAÇÃO COMO INSTINTOS EM CONFLITO

Saudações, caríssimos amigos. Deus abençoe a cada um de vocês. Abençoada seja esta hora.

Na última palestra, falamos que os instintos da autopreservação e da procriação parecem estar em harmonia e também em distorção. Gostaria agora de prosseguir com esse tópico e mostrar especificamente como esses dois instintos combatem um ao outro e a distorção específica que cada instinto provoca quando a alma está perturbada.

Toda distorção é resultado da adoção de determinada atitude, mantendo-a rigidamente. Isso acontece quando a personalidade inconscientemente encara tal atitude como solução para as dificuldades da vida. Os diversos aspectos que discutimos com relação à autoimagem idealizada são tentativas inconscientes de lidar com a vida. Porque são soluções errôneas têm que ser rígidas. Quanto mais se percebe que essa “solução” de fato não funciona, maior é o impulso de fazê-la funcionar. Isso provoca a rigidez. Crescimento, desenvolvimento, maturidade e cura das forças da alma distorcida residem na eliminação da pseudossolução e sua substituição pela verdade, que é sempre flexível e não conhece regras. Isto já representa verdadeira segurança, embora a personalidade ao percorrer esse processo sinta aguda insegurança e ansiedade quando precisa abrir mão das pseudossoluções.

A função do instinto de autopreservação é manter e resguardar a vida. Trata de evitar o perigo e garantir segurança em relação ao perigo. Em estado de saúde e maturidade, os perigos reais – não apenas físicos, mas qualquer ameaça ao crescimento saudável da pessoa – são afastados. Mas na distorção, os perigos são imaginados e irrealistas. Quando um ser humano se considera ameaçado por não ser amado, admirado, aprovado ou por não obter a concordância dos outros, trata-se de um perigo irrealista.

Mencionei três pseudossoluções importantes: (1) a busca do amor, (2) a busca do poder e (3) a busca da serenidade. Em cada uma dessas atitudes, a personalidade acredita que viver de acordo com os ditames dessas “soluções” a ajudará a dominar a vida.

Até onde se pode generalizar, pode-se dizer que a distorção do instinto da autopreservação leva a alma a adotar a pseudossolução da busca do poder. O instinto distorcido de procriação leva a alma à busca do amor. No entanto, os dois instintos podem atender às duas finalidades, pois tanto a segurança quanto o prazer são necessários na vida do homem. Se os instintos forem distorcidos entram em conflito em vez de se complementarem. Portanto, é preciso achar o meio termo, mesmo nas pseudossoluções. Sobre isto gostaria agora de ser um pouco mais específico.

Se o instinto da autopreservação for distorcido, ocorre o seguinte processo. A criança sente insegurança, seja por falta de amor, por falta de entendimento de sua individualidade, por causa de uma incerteza geral no ambiente ou com respeito à personalidade dos pais. Isso gera ansiedade. A criança sente um clima de perigo. Nesse momento, o instinto da autopreservação começa a atuar. Este é convocado, por assim dizer. Para afastar o perigo, a personalidade assume determinados padrões de comportamento interior e exterior acima e além das distorções de caráter que o instinto distorcido da autopreservação normalmente traz. Sobre isso eu falei na palestra anterior. Essas tendências são agressividade, hostilidade, impulso de poder, necessidade de triunfar sobre outros, competitividade, exigências exageradas, etc. A autoimagem idealizada é configurada de acordo com essas tendências. Enfatizo novamente que isso não significa necessariamente que aspectos contraditórios, tais como a busca do amor, por exemplo, também não estejam presentes. Também quero repetir que o que estou dizendo agora constitui apenas um esboço geral. É preciso constatar, na forma particular e específica dentro de cada pessoa que segue este caminho, como isso se manifesta, porque há muitas variações possíveis. Por exemplo, é possível, que o aspecto predominante da busca do poder exista sem nenhuma agressividade ou hostilidade aparente. As possibilidades são muitas. Integração e descoberta de si mesmo somente ocorrem se e quando esses aspectos forem comprovados e vivenciados, talvez em condições totalmente diferentes do que foi mencionado aqui.

O instinto distorcido da autopreservação leva à pseudossolução da busca do poder, com todas as suas exigências, agressividade e impulso do poder. A psique pensa: “Se eu me afirmar e afirmar meu poder, minha onipotência, minha invulnerabilidade, nada me acontecerá. Como resultado, não serei ameaçado pelos perigos de um mundo hostil que não me entende”.

Por outro lado, o instinto distorcido da procriação contém o impulso do prazer, o anseio pelo prazer supremo em todos os níveis do ser. Quando devido às circunstâncias da vida de um lado, e às limitações pessoais e distúrbios da personalidade de outro lado, o prazer não acontece em nenhum nível nas circunstâncias normais, a distorção do instinto da procriação se instala e resulta na criação da pseudossolução da submissão, conformismo, apaziguamento, busca do amor que, segundo se supõe resolverá todos os problemas. Essa “solução” de não ser assertivo, ceder mesmo quando for prejudicial por deixar a pessoa suscetível a abusos e desvantagens, está igualmente destinada ao fracasso. A personalidade que adota essa postura, inconscientemente acredita que será amada, portanto, receberá prazer.

Quanto à terceira pseudossolução que discuti – a retirada, a busca da serenidade, trata-se de uma pseudossolução secundária. É o resultado das duas “soluções” citadas anteriormente lutarem entre si e dilacerarem a personalidade. Quando a pressão desse conflito interior se torna insuportável, é adotada a “solução” secundária, sobreposta. As duas primeiras “soluções” são adotadas para lidar com a vida. A última é adotada para lidar com o conflito resultante das duas falsas soluções. No nível consciente ou mais superficial da personalidade, essa terceira tentativa de solucionar a vida aparece na forma de retirada do envolvimento emocional, o sentimento de querer ser deixado em paz, com a racionalização de que isso trará serenidade. De fato, a pessoa já não consegue lidar com o problema de satisfazer os dois instintos, o que se torna ainda menos possível à medida que a distorção aumenta.

Essas duas pseudossoluções básicas, presentes em algum grau em todas as pessoas, precisam ser agudamente sentidas e vivenciadas por cada um de vocês ao longo deste trabalho, meus amigos. Assim então, conhecerão e vivenciarão o conflito, não como teoria da qual se ouve falar, mas obser-

vando a batalha interior, obtendo entendimento totalmente novo sobre si mesmo e seus problemas na vida.

Se a maior preocupação de uma pessoa é a segurança interior, inevitavelmente dará a isso ênfase exagerada, portanto, distorcerá o instinto da autopreservação. Assim, o instinto da procriação até certo ponto, será reprimido e contido. Toda a personalidade se volta para obter “segurança”, o que sabota outra necessidade legítima. A alma se rebela contra, e continua a ansiar por isso. Quando menos é atendida por causa da imaginária necessidade, tanto maior se torna o anseio inconsciente. Inconscientemente, a pessoa se vê diante das alternativas: segurança ou prazer. Obter felicidade, satisfação, ventura, prazer, pressupõe certa coragem e espírito de aventura, por assim dizer. Pressupõe a disposição em se arriscar. Mas, a aceitação desse risco é exatamente o perigo que precisa ser evitado a todo custo. Portanto, a alma imatura luta para obter satisfação e prazer, sem ousar se arriscar, sem sair da casca, mas esperando e se esforçando para obter aquilo de que precisa sem dar os passos necessários. Quando não obtém o que deseja, instalam-se a revolta e a autopiedade, mas nunca a percepção da causa. Todo esse processo é inconsciente, derivado da falta de consciência das duas necessidades básicas, da falta de entendimento da razão pela qual essas necessidades não são satisfeitas e de que estão insatisfeitas. Tudo isso se torna consciente ao longo do nosso trabalho.

Sempre que é feita uma tentativa malograda e sem convicção para obter satisfação, a alma temerosa vê qualquer pequena rejeição, crítica ou desaprovação como um perigo drástico e rapidamente se retrai em falsa serenidade ou em atitude dominadora, agressiva, intimidativa. Com isso, obter amor é mais ou menos impossível. A tentativa parece não valer a pena. Assim, o anseio pela satisfação prazerosa fica tolhido e uma parte essencial da alma permanece sedenta e estéril. Perde, não apenas felicidade e beleza, mas também parte integrante da experiência de vida. Nem é preciso dizer que essa alma sofre um dano contra o qual o eu real se revolta. Tal revolta, ao atingir níveis exteriores do ser, assume diversas formas.

Se o princípio do prazer supremo for predominante, a personalidade arriscará, mas a tal preço que inevitavelmente surgirão mais perturbações. O instinto frustrado de autopreservação tenta negociar e fazer a pessoa “arriscar-se” ao se submeter. A pessoa buscará felicidade mediante a auto-negligência e masoquismo, acreditando assim combinar a necessidade de prazer e segurança. Ao ceder, a pessoa acredita que receberá por algum tempo o que tanto deseja e ao mesmo tempo obterá proteção graças a sua “impotência”, e estará “segura”.

Se o instinto distorcido da autopreservação, portanto, a pseudossolução (busca do poder) é predominante, parte vital da alma ficará à míngua, estagnada. Se o instinto distorcido da procriação, portanto, a pseudossolução (busca do amor) predominar, a vulnerabilidade e a impotência aumentarão até a alma de fato ficar ameaçada – não no sentido que a psique acredita, mas em sentido muito diferente – pela contínua autonegação e afastamento do eu real. Isso acarreta inibição e impedimento das forças criativas, o que por sua vez provoca ansiedade, frustração, etc.

Na alma humana, os dois instintos existem com igual força e como a distorção de um instinto invariavelmente causa a distorção do outro, ambas as pseudossoluções são encontradas em todas as pessoas. Em algumas, como disse antes, um deles predomina e o outro somente é encontrado depois de pesquisar. É descoberto como um núcleo por trás do aspecto predominante. Em outras pessoas, os dois aspectos existem lado a lado, por assim dizer, dilacerando a pessoa em constante conflito. Mas mesmo se um aspecto predominar fortemente não quer dizer que não exista conflito.

O simples fato de algo não estar na superfície não significa que seus efeitos não sejam severos. Muitas vezes são ainda mais severos porque é difícil determinar a causa de um aspecto oculto.

Devido a essa furiosa batalha interior entre metas e “soluções” mutuamente excludentes, a psique busca soluções de ajuste, que podem assumir diversas formas. O impulso do prazer, por exemplo, é liberado apenas em determinados níveis do ser. A título de ilustração, uma pessoa pode achar que o prazer espiritual, intelectual ou mental não oferece perigo. Não a envolve emocionalmente e não a expõe ao risco de rejeição e mágoa. O prazer emocional ou sensorial, por outro lado, parece extremamente perigoso e é assim eliminado (mais ou menos), dependendo do caso. Não é preciso dizer que sempre são encontradas razões e explicações aparentemente válidas. Pode não ser sempre evidente que uma pessoa se retraia. Este fenômeno pode ser mais sutil, quando a pessoa inconscientemente o sabotagem e depois projeta o fracasso nos outros. Este fracasso na verdade, resulta do retraimento das forças da expansão e da vontade de não arriscar a doação pessoal. Devido a esta atitude, a pessoa rouba de si mesma parte vital de seu organismo interior, o que fatalmente acarreta resultados muito prejudiciais para a psique e para a estrutura pessoal como um todo.

Outra “solução” de ajuste, muito comum, é a tentativa de fazer com que os dois aspectos atendam às duas finalidades, coisa que naturalmente não funciona. Por exemplo, a pseudossolução na busca do poder visa o amor e o prazer, com base na crença inconsciente de que a onipotência, força e invulnerabilidade trarão como consequência amor e dedicação. Quem tem essa atitude acredita que, além de garantir sua própria segurança e invulnerabilidade, a fachada simultaneamente suscitará muita admiração dos outros e assim sua busca do amor estaria concluída. A pessoa nunca vê que uma coisa impossibilita a outra. Quanto mais tenta convencer seus semelhantes de que é invulnerável e forte, mais temerosa se torna. Até hoje, o temor jamais induziu ao amor. Tampouco a superioridade sobre os outros leva ao amor, pois o outro se ressentir por ser julgado inferior e certamente não reagirá amando quem o menosprezou, por mais sutil que seja o menosprezo.

A pessoa cuja pseudossolução predominante é a busca do amor para obter prazer faz um ajuste, tentando combinar o impulso do prazer com a necessidade de segurança. Muitas vezes, está mesmo conscientemente convencida de que não existe conflito algum. Se obedecer e fizer tudo o que se espera dela, receberá amor e prazer, mas, ao mesmo tempo, proteção contra o perigo. Não percebe que essa tática gera reações internas que inevitavelmente impedirão esse objetivo. Quanto mais se submete, mais o impulso do poder existente nos outros se aproveita dela. Quanto mais se aproveitam dela, inevitavelmente mais se revoltará e se ressentirá. Tais ressentimentos podem não aflorar, mas sua força sabotadora fatalmente a fará rejeitar o outro, que reagirá da mesma forma – com ressentimento.

Os exemplos acima são alguns casos gerais do ajuste buscado para combinar pseudossoluções mutuamente excludentes e seus efeitos sobre o eu e os outros. Há muitas outras variações possíveis, que precisam ser descobertas por cada um. Cuidado com a avaliação rígida de que uma pseudossolução contém apenas um instinto distorcido, e a outra pseudossolução contém o outro. Não é assim tão simples. Descubram de que maneira vocês procuram servir aos dois senhores numa tentativa sem sucesso que nem mesmo funciona para a necessidade básica.

Tudo isso é muito genérico, meus amigos, mas podem ter um vislumbre das muitas possibilidades que existem no inconsciente da alma e a luta muitas vezes fracassada por uma solução. Neste trabalho precisam descobrir camada a camada, como as pseudossoluções não podem provocar os resultados desejados, por que isso não pode acontecer; qual é o efeito delas sobre o eu e os outros;

qual era sua finalidade original. Para isso, as emoções que um dia sentiram na infância e que sentem ainda de maneira diferente precisam ser tornadas conscientes. Com isso verão as contradições, arbitrariedade das emoções atuais, sua origem e seu objetivo, de acordo com seus conceitos e ideias inconscientes. Todas essas pseudossoluções trazem mais e mais sobreposições, juntamente com emoções contraditórias. Darei apenas um exemplo agora. Vou mencionar outros mais tarde e descobriremos mais no trabalho individual.

Um fenômeno comum é o seguinte: a pessoa submissa, sempre pronta a apaziguar, pronta a ser super modesta, a nunca se dar crédito ou vantagens, fatalmente acaba por se ressentir dos outros. Não vê que o ressentimento é injustificado, já que ela mesma optou por esse padrão de comportamento. Não têm o direito de culpar os outros por aceitarem ao pé da letra o que oferece – sua própria autonegligência. Acha que “mesmo que eu faça esse sacrifício, os outros devem respeitar isso e me amar”. Em outras palavras esta troca não funciona. Ela queria oferecer sua autonegligência em troca de amor. A autonegligência está no lugar do amor pelos outros, portanto, a troca não funciona. É disso que se ressent. Só mudará quando reconhecer exatamente o processo interior em ação entre si mesma e os outros.

Também sente culpa em relação a seus ressentimentos porque estes não correspondem aos ditames de sua autoimagem idealizada. Se descobrirem em si mesmos essa atitude submissa, examinem o que existe por trás. Encontrarão não apenas ressentimentos e culpa, mas lá no fundo descobrirão exigências exageradas – no mesmo grau do que há na pessoa agressiva, sedenta de poder. Descobrirão que simplesmente porque essas exigências existem – exigências de amor, de proteção, de ser cuidado, etc. – foi escolhida a “solução” específica da submissão, na crença de que isso fará com que os outros atendam suas exigências. No entanto, a admissão consciente dessas exigências contradiz flagrantemente o quadro geral da personalidade. Assim, as exigências precisam ser mantidas ocultas, portanto, geram mais culpa. Quanto mais exigências, mais a personalidade acha que precisa escondê-las porque, caso contrário, seria criticada, portanto, não amada. Assim adquire uma dupla culpa. Uma se refere à existência das exigências, a outra com a insinceridade de sua modéstia e com o não exigir.

É muito comum o aspecto predominante conter por trás, seu exato oposto. Se o aspecto predominante for a busca do poder para encontrar a segurança – com a subsequente hostilidade, grosseria, orgulho, superioridade, pretensão de invulnerabilidade – a essência por trás pode ser a criança impotente, à procura de amor e proteção, ansiando por prazer e felicidade; vulnerável e submissa; insegura e dependente. Se o aspecto predominante for a busca do amor para receber prazer com as características que a acompanham – autonegligência, apaziguamento, autonegação e sacrifício masoquista, a essência por trás pode ser um brutal egoísmo, orgulho autocentrado e sentimentos de superioridade, exigências exageradas e, muitas vezes, até mesmo impulsos de crueldade com os outros.

A essência subjacente sempre gera vergonha que precisa ser escondida e então encoberta com o aspecto oposto. Além do fato de que os dois aspectos são mutuamente excludentes, portanto, criam conflito – uma fonte adicional de conflito é a própria vergonha do aspecto que está subjacente e precisou ser escondido. Mesmo quando vocês têm vergonha de algo positivo e construtivo, o simples fato de terem vergonha, portanto, orgulho, gera tensão, ansiedade, fingimento, medo de serem expostos, etc. O que torna esse trabalho temporariamente tão doloroso é desvelar algo que causa vergonha. Somente depois de reunir coragem para revelar esse aspecto é que o caráter ilusório da

vergonha desaparece. Com isso obterão um senso indescritível de liberação, o senso de se livraram de uma carga tão pesada da qual nunca haviam se dado conta de fato.

Quanto mais progridem neste trabalho, mais importante se torna sentir e vivenciar todas as suas emoções, avaliar sua importância e entender seu significado. Sem essa atividade, será impossível se livrarem de conflitos e problemas. O peso todo precisa ser deslocado do pensar e intelectualmente avaliar e deduzir, para sentir e vivenciar todas as suas emoções positivas e negativas. Nunca é demais enfatizar esse ponto. À medida que vão aprendendo a fazer isso, ao diminuírem a resistência, graças ao maior entendimento e *insight*, realmente revelarão camada após camada das pseudossoluções com todas suas variadas reações emocionais. Desaprenderão de reprimir sentimentos “proibidos” e passarão a admiti-los sem censura. Somente então poderão entender seu significado e origem.

Tomar consciência das emoções existentes é um processo gradual e somente acontece quando esse procedimento é efetivamente desejado e cultivado. Antes de cultivar essa consciência, a pessoa comum vive a vida de maneira muito diferente com entendimento muito diferente. Atribui totalmente a aguda ansiedade e medo que às vezes sente às provocações e razões externas, e se satisfaz em acreditar que se não fosse por isso, tudo estaria bem. (Isso não se aplica a pessoas com perturbações graves, que não estão em discussão agora.) Esta pessoa não vê e não conecta causa e efeito entre o acontecimento exterior que a perturba e seus conflitos e pseudossoluções internas. Não percebe que toda pseudossolução gera uma dependência doentia dos outros mesmo com sua inclinação à “independência”. Também não vê, que quando tudo está calmo em sua vida exterior, vive apenas uma pequena porcentagem de sua capacidade de vivenciar, desfrutar a vida, ser criativa. Esquece-se de que é inibida, incapaz de expressar-se como gostaria. Não é ciente de que a tensão, o cansaço, a vaga ansiedade são resultado de emoções reprimidas. Acima de tudo, não tem consciência das emoções negativas que esconde e que somente vêm à tona quando “está com a razão” para jogá-las nos outros. Portanto, o grande primeiro passo para tomar consciência das emoções é a permissão interior para descobrir o que realmente sente. Isso deve ser cultivado com prece, meditação e resolução diária de intenção. Desta forma, ressentimento, culpas, ansiedade, animosidade e outras emoções negativas sobem à consciência. Esse fato explica a inibição da espontaneidade e certa sensação de vazio que têm em relação à vida, uma espécie de falta de vida. Antes de um avanço considerável neste trabalho, o clima exterior geral é normalmente considerado aceitável. É considerado padrão, jamais lhes ocorrendo que poderia ser muito diferente. Quando penetrarem na quase calma exterior que é rompida com tanta facilidade por circunstâncias além de seu controle, descobrirão o vasto acúmulo de emoções latentes que, muitas vezes, acreditaram ser totalmente alheias à sua personalidade e por isso, duplamente perturbadoras. Com essa percepção a princípio desagradável, começam a eliminar as causas de estar só meio vivo, usando somente pequena parte de suas faculdades potenciais em todos os níveis do ser.

O primeiro nível emocional da consciência em geral é um aflorar de ressentimentos dos quais vocês nunca tomaram conhecimento e que estão associados à culpa e ansiedade. Mas verão que nem todos os ressentimentos são injustificados. Alguns sim, porque vocês causaram as condições, mas outros não são. Contudo, vocês têm uma impressão geral e vaga de que não devem jamais ficar ressentidos e que tudo é automaticamente culpa sua. Aprenderão a discriminar. Descobrirão que alguns ressentimentos são compreensíveis e saudáveis, desde que façam algo a respeito, em vez de deixarem a situação como está. Aprenderão a se afirmar nas situações em que permitiam que os outros se aproveitassem de vocês. Cuidadosamente, a princípio, aprenderão a dar um basta nessa situação. Perceberão que outros ressentimentos são totalmente infundados. Não é possível formular regras a esse respeito. Vocês mesmos saberão, sem nenhuma dúvida, depois que tiverem a coragem

de deixar sair o que foi reprimido. Isso lhes dará capacidade de se afirmarem e, se necessário, adotarem agressividade saudável, completamente diferente da distorcida. Assim, começará a se instalar um adequado equilíbrio interior. Não serão mais agressivos – interna e externamente – quando for injustificado e serão agressivos quando for saudável e construtivo. Um desequilíbrio sempre provoca outro. Desta forma, haverá equilíbrio pelo fato de encararem a verdade e mudarem quando e sempre que possível automaticamente, novo equilíbrio que seria inalcançável por meio de ações exteriores mesmo que em tentativas deliberadas.

Quando vivenciarem até o fim a camada de ressentimento e descobrirem o que realmente sentem (sem procurar sentir o que acham que deveriam para manter a “solução” pessoal) e se tiverem a coragem de admitir o que sentem, certo ou errado, preparando o caminho para se tornar conscientes da camada seguinte onde poderão encontrar outra vez a pseudossolução dominante. Também, descobrirão outros aspectos igualmente adotados como mecanismos de defesa. Descobrirão os principais componentes da sua autoimagem idealizada, abrangendo talvez, os três aspectos. Somente depois que isso tudo for investigado, a raiz de seu problema, desconsiderada e vergonhosamente encoberta, será consciente. Nesse momento, vivenciarão estas emoções.

É um processo sofrido, meus amigos. Quero dizer a todos que fazem este trabalho: não fujam da dor, pois é a dor saudável de crescimento, indispensável para eliminar a dor de uma vez por todas. Sem passar por ela, persistirá na alma e os prejudicará, saibam ou não. A liberdade e a felicidade, a segurança, a maravilha da experiência da vida serão totalmente suas, desde que tenham a coragem de passar por isso. Então, e somente então, perceberão plenamente que valeu a pena, cada trecho valeu a pena! Saberão que fugir era fazer como o avestruz, sem nunca se livrar da dor existente lá no fundo. Ao trazê-la à superfície, se desembaraçam dela. Ao trazê-la trancada e encoberta, continuam a sofrer. A coragem de passar por essa dor que encontrarão em vários níveis e também na raiz precisa ser vivida. A vida e este caminho os ajudarão. Ajudarão não apenas lhes dando a força necessária para vivenciar a dor (se tomarem essa decisão), mas também ajudarão por meio de alguns acontecimentos exteriores focando sua atenção nos correspondentes fatores interiores que são responsáveis por fatos exteriores. Mas, a vontade interior de fazer a travessia precisa ser cultivada sempre. A vontade interior de encarar inexoravelmente a verdade de cada um, independentemente de ser ou não agradável e lisonjeira, precisa ser sempre renovada. Isso lhes dará força para terem sucesso. Os ajudará a prosseguir na passagem crucial quando a tentação de desistir é mais forte. Prossigam, persistam, perseverem! Este é meu conselho, meus amigos.

Também os aconselho a se perguntarem: qual é sua atitude em relação a este trabalho? Quando determinados pontos dolorosos são atingidos, quais são suas reações ao trabalho, a si mesmos, às pessoas que os ajudam, à ideia toda deste caminho? Há muitas reações possíveis.

Agora, meus amigos, alguém quer fazer perguntas?

PERGUNTA: Eu gostaria de perguntar sobre o fato de as três distorções estarem presentes simultaneamente em uma pessoa. Elas se alternam no tempo? Como isso funciona na personalidade?

RESPOSTA: Esse foi o tema desta palestra. Foi o que acabei de explicar. Algum aspecto específico não ficou claro?

PERGUNTA: Eu entendo que uma pessoa submissa interiormente, por exemplo, tenha um impulso de poder – e vice-versa. Se isso se tornar insuportável, ela adota uma falsa serenidade, retraindo-se da vida. Mas o que eu gostaria de saber é como isso funciona quando dois dos aspectos, ou os três, se alternam? Quando a pessoa é submissa em uma ocasião, dominadora em outra, e retraída em outra ainda. Será que os aspectos oscilam, nem que seja brevemente? Por que isso acontece?

RESPOSTA: Isso acontece porque essas são pseudossoluções, portanto, não funcionam. Podem funcionar de vez em quando até certo grau se a vida e os outros aceitarem. Mas se a vida apresentar determinados obstáculos, não permitindo que uma tentativa de pseudossolução funcione, é possível que a pessoa lance mão e experimente as outras, por assim dizer. Vamos dar um exemplo: digamos que uma pessoa tem um impulso de poder predominante. No decorrer da vida, se associa a muitas pessoas submissas que reagem favoravelmente. Parece então, que a solução funciona. E o impulso do poder predomina. Algumas situações ocorrem na vida. Vamos dizer que uma pessoa muito importante, da qual a primeira dependa, também tenha um impulso de poder predominante. Ou então, trata-se de uma pessoa relativamente saudável que não reage na submissão. Ou ainda uma terceira possibilidade, até a pessoa mais submissa chega a um ponto em que se rebela claramente. A pessoa do nosso exemplo só pode ir até certo ponto e não passar disso, já que a pessoa submissa também tem aspectos agressivos de poder dentro dela. Portanto, a “solução” do poder superior deixa de funcionar. Para conseguir o quer e pensa que precisa, a pessoa do exemplo recorre à submissão, que também existe nela. A mesma pessoa que normalmente domina os outros passa a ser muito submissa. É assim que procura satisfazer suas necessidades de segurança, amor, aprovação incondicional, etc. Eu diria que todos vocês já observaram isso muitas vezes. Todos conhecem a pessoa que se curva servilmente diante dos superiores, diante daqueles que são ou se supõe sejam pessoas mais fortes, mas brutalmente dominadora em relação aos mais fracos. Essa é uma manifestação típica de como as “soluções” se alternam de acordo com a necessidade e a situação. Ficou claro?

PERGUNTA: Acho que sim. Trata-se então de uma questão de adotar a solução que estiver mais à mão.

RESPOSTA: Certo. Veja, toda pseudossolução é sempre a adoção da solução mais à mão, porque a criança, buscando soluções para lidar com um mundo aparentemente hostil e assustador, não tem condições de descobrir a solução verdadeira que funciona. Com os problemas que trouxe para esta encarnação, não consegue ver o ponto problemático e inevitavelmente reage recorrendo a pseudossoluções. Isso deve livrá-los de sentimentos de culpa destrutivos a respeito da pseudossolução original que adotaram. Naquela ocasião não podiam evitar. Mas agora podem assumir plena responsabilidade por si mesmos sem nenhuma culpa destrutiva por manterem os disfarces que estão sempre associados à pseudossoluções. Isso por sua vez, os ajudará a se livrar delas.

PERGUNTA: em uma criança relativamente bem integrada, como a autoimagem idealizada se manifesta em relação ao eu real? Existe na vida, o desejo de uma fusão contínua sem formação de uma forte personalidade máscara?

RESPOSTA: claro, quanto mais saudável é o ser humano, mais fraca será a autoimagem idealizada. Pode ser que se manifeste apenas nas áreas perturbadas da personalidade e em grau menor. Será sempre contrabalançada pela manifestação mais forte do eu real. Como não existe ser humano inteiramente sem distorções interiores e perturbações na alma, todos têm uma autoimagem idealizada. A força dos fatores problemáticos determina a força da autoimagem idealizada e nessa

medida, a criança – ou o adulto alienado do seu eu real, procurando viver e ser o eu idealizado. Quanto mais fortes forem os conflitos interiores, mais forte será a diferença entre o eu real e o eu idealizado. Na pessoa relativamente saudável, a diferença não é tão impressionante ou incongruente. As exigências e padrões do eu idealizado são menos rigorosos.

O desejo, ou devaneio é sempre uma boa indicação do que é a autoimagem idealizada e da natureza da pseudossolução. Isso decorre dos objetivos e necessidades predominantes da psique. Como a maioria dos adultos também tem devaneios de uma forma ou outra, isso pode servir como material adicional de investigação nesse sentido. A autoimagem idealizada não se mostra apenas na vida-desejo. Mostra-se fatalmente nas exigências rígidas, nos “devo” e “preciso” dos quais já falei. Mostra-se na ansiedade e na culpa quando a pessoa não vive à altura dessas compulsões. Mostra-se em determinadas expectativas em relação ao eu e aos outros. Não aparece apenas na vida-desejo. Mas tudo isso somente pode ser descoberto e comprovado depois de um amplo trabalho. Se a autoimagem idealizada aparecer na vida-desejo é inevitavelmente incorporada à personalidade, mesmo que a pessoa não saiba disso. Se a personalidade fosse totalmente isenta da autoimagem, não haveria afastamento do eu, não haveria a necessidade de sonhar acordado com relação à autoimagem idealizada. A vida-desejo é a expressão de uma necessidade premente.

PERGUNTA: As crianças ao nascer, não são todas igualmente bem ajustadas?

RESPOSTA: Não, absolutamente não é assim. Vocês trazem consigo problemas e conflitos da vida anterior que não foram resolvidos. As circunstâncias da vida e o ambiente foram escolhidos – talvez por si mesmos – como os melhores para solucionar os problemas pendentes. Não apenas o desenvolvimento espiritual varia de acordo com cada um, mas também há uma variação dos conflitos e sua intensidade.

PERGUNTA: Foram feitas duas perguntas da última vez. Uma não foi respondida por causa do tempo, e a segunda parece que não foi respondida satisfatoriamente. São relacionadas. Uma tem a ver com a possibilidade de os ressentimentos e a indignação serem nivelados até o estado de apatia. A outra indagava a respeito da validade da “indignação justa” ou ressentimento justificado. Acho que você respondeu as duas esta noite. Gostaria de dizer algo mais a esse respeito?

RESPOSTA: A resposta foi dada na palestra desta noite. Eu disse especificamente, por exemplo, que a pessoa submissa, bem como aquela que busca a falsa serenidade podem nem mesmo se permitir tomar conhecimento da indignação muito justificada e que deveria dar margem a ações. Injustiças ou provocações são declaradas de maneira saudável quando a personalidade atinge saúde interior a esse respeito. Antes de atingirem esse ponto é extremamente difícil diferenciar entre indignação justificada devido a uma provocação real e indignação injustificada devido a uma provocação irreal ou causada pelo eu. Apenas o trabalho intenso neste caminho acabará por dar-lhes condições de saber sem sombra de dúvida, sem flutuação ou culpa, sem necessidade de obter aliados para confirmar que têm razão, quando devem se afirmar e quando não devem. Agirão livremente por opção e sem compulsão interior.

A próxima palestra será a última desta temporada. Se houver perguntas em número suficiente, podemos encerrar com uma sessão de perguntas e respostas.

Caso contrário, darei outra palestra.

Abençoo a cada um de vocês, meus queridíssimos amigos; peçam para abrir o eu mais íntimo para receber força que lhes permitirá obter novos insights sobre si mesmos de todas as maneiras possíveis. Que todo o atrito exterior seja um elemento que contribua para reconhecer o atrito interior existente. Com essas palavras, os abençoo e os fortaleço com todo nosso amor.

Fiquem em paz. Fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode somente ser impressa para uso estritamente pessoal. De acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitido sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.